

EDITORIAL

Caro/a leitor/a

O ANO DOIS DA PANDEMIA FINDA, O QUE SEGUE AGORA?

‘Queimem o navio, ele trouxe a peste!’

Este comando corajoso que ecoava de comandantes em epidemias no passado, resumia a consciência do momento, pois casas e navios poderiam ser reconstruídos se os construtores sobrevivessem. Sábios eram estes comandos e quiçá eles reverberem como legado primordial em nossos dias, com sua mensagem inconfundível: um conhecimento que leva à ação, uma medida que nasce da experiência, uma postura que não poupa recursos, mas salva vidas.

A pandemia gerada pela Covid-19 chegou há dois anos e o seu segundo ano finda em meio a um misto de incertezas e esperanças. Na história das epidemias não havia certeza sobre o alcance do vírus, mas havia esperança na voz do comandante. Atualmente, não há certeza se voltaremos ao normal, mas há esperança de que vamos juntos construir um normal possível. Não há certeza se a ciência será seguida, mas pode-se garantir que ela seja ensinada.

Por conseguinte, as perguntas que se fazem presentes são, que lições tiramos em dois anos de convivência com o vírus e que mudanças ocorreram decorrentes da experiência da pandemia? Estas perguntas remetem ao passado, à história das epidemias, as quais vêm e vão, mas sempre deixam seus rastros, ocasionando marcas profundas em todos os contextos por onde passam. Vive-se entre estrutura e contexto, ou seja, o que se mantém e o que é modificado ou até mesmo ressignificado.

A pandemia da Covid-19 traz o velho e o novo. Mudam as formas de se relacionar, mudam os espaços de sociabilidade, espaços tornam-se vazios, vazios de gente. Gente distante, distante das gentes. Laços sociais são rompidos, ou modificados. Rotinas tornam-se pesadas, pesadas de solidão, apesar das telinhas estarem repletas de rostos ou nomes, de gente, mas gente distante. Como no passado, a pandemia continua sendo a companheira da fome, empregos são perdidos, pequenas empresas desestruturadas e as desigualdades sociais são evidenciadas.

Assim, as incertezas marcam as margens do caminho, mas o som da esperança ecoa de muitos modos, inclusive pela cadência dos passos dos cientistas que das pessoas se aproximam. Sim, a interação entre a academia e comunidade é um dos sinais de esperança nos dias atuais. Por isso, a experiência do passado aponta um caminho seguro, após dois anos de pandemia: as mazelas se vencem por práticas que nascem do conhecimento, do saber que se torna ensino, de comandos corajosos que elegem prioridades.

Por fim restam nossos propósitos e votos: que a interação entre ensino e comunidade, entre assistência e pesquisa, entre técnicas e valores possam de fato se tornar cada vez mais Espaço para a Saúde.

Curitiba, dezembro de 2021.

Leide da Conceição Sanches